

# T A B E R N A

## d e A f o n s o R i b e i r o

—Um trigo de dez tostões e cem gramas de bacalhau.

—Vinho?

—Um quartilho. Não, meia canada.

Manducou em silêncio. Por detrás do mostrador, o Soares ofereceu:

—Queres daqui?

Entanguida, braços cruzados sobre o chaile preto, a Engrácia meditava batendo os dentes.

Limpava o vendeiro o queixo luzente da carne de porco, quando o Filisberto, cara toda borrifada de chuva, entrou de novo.

—Apre, invernia assim! Deite-me meio. Apre!

Reparando em Noé.

—Já de volta?

Petiscara ali alguma coisa. Com aquê tempo danadinho, aventurar-se um homem a sair á rua era contrair maligna de atirar com uma alma de Cristo prá cova. Rematou:

—Quem cá ficar que o ganhe. Olha os meus trabalhos!—Repetia:

—Quem cá ficar que o ganhe.

Saias arrepanhadas à banda por mór do lodaçal que eram os caminhos, Engrácia despediu. Ouvia-se nos campos o vento correr, em tropel, como alcaeteia de lóbos, a uivar.

—Boa tarde, boa tarde, surgiu o André e logo na cola dêle o Heitor. Um nadinha após o Aristides, o Roberto, o Góis... E menos de hora corrida, outra vez a taberna regorgitava. Faziam-se grupos, falava-se alto, o Jesus ripou das cartas. O chão, calcetado a seixos, parecia suar. Espicado nas pernas grossas de anão, o Fortuna gesticulava. Mas o maior sentido ia para o Pilinhas, bufarinheiro-contrabandista, feio como um bode e mais forte que um toiro—Pois, rapazes, aquilo foi um louvar a Deus—contava—gente aos cardumes. E êle, em cabelo, lodão a girar-lhe nas mãos como um sarilho, zás, zás, zás, varreu a feira em menos dum amen-Jesus.

Ia continuar quando a Pancha irrompeu pela loja dentro mais brava que fogo.

—Desavergonhado, refinadíssimo malandro! Até na venda come! Desavergonhado! Bêbado! Nem os ciganos!

O Soares zangou-se:

—Haja comedimenta na língua, santinha!

Irada, uma das mãos no quadril espetada no ar a outra, ela gaguejou batendo o pé:

—E você é quem tem a culpa, é que os arrasta prá desgraça, seu escomungado!

Tirára o lenço; as saias pingavam-lhe.

Alguém puxou-a:

—Vá, vá p'ra casa...

O Pio, muito calmo, dizia:

—Deixa. Deixa que eu logo faço-te a cama, regateira.

Houve que arrancá-la à força, dali. Mas fóra, sob a chuva que desabava a potes, ela ainda quedara por largo espaço a berrar, sufocada de cólera. Por fim, abalou.

O incidente azedára os ânimos. Queriam alguns que a razão estava pela Sancha, que o Pio andara mal. A maior parte, entretanto, punha-se ao lado dêste. Porque, enfim, um homem era um homem, e poleiro onde há galo as galinhas não levantam a grimpá.

—Lá a minha—afirmou Celestino—justiça se lhe faça, quando lhe abro os olhos não sabe onde se meter.

—E a minha.

—E a minha.

...E todos asseguraram o mesmo.

O José da Maria Emilia veio á esteçada:

—Mas, que Diabo, elas não são animais de carga...

Os outros assanharam-se.

—São mulheres!

O Singlindim surgiu com o harmonium. Mandaram-lhe pôr termo á musica. O tocador recalcitrou. Então o Zeferino, bexigoso e mau, apontára-lhe o sacho de pêta. E imperativo:

—Calas a môrca?—Os olhos chispavam-lhe.

Ao fundo, os jogadores do chincalhão davam punhadas na mesa onde nódoas gordurosas alastravam; os olhos, calados, alongavam as cabeças. Mas como não entendiam, que a balburdia era muita, inquiriam, pupilas mortíferas, uns dos outros: «que diziam?»

Entravam mais. Os gênios haviam serenado. Os copos fundos e largos, passavam de mão em mão. Sentado na barrica de cal, o Pilinhas retomara o fio da sua história.

—Um rapazito, a escorrer sangue...

Cotovelos no balcão, o Soares sorria. Nas estantes de pinho viam-se peças de chita, fósforos, onças de tabaco, nastro, alfinetes de segurança, carrinhos de linhas, e, em cima, pendendo dum caíbro e balouçando-se, maços de velas que as moscas haviam ponteados de negro.

O bufarinheiro seguia:

—Coronhada à direita e à esquerda, a Guarda Republicana...

Ouviam-se juras, punhos batendo nos peitos, risadas. Os da jogatina barafustavam, vermelhos de ira, prontos a engalfinharem-se. O Soares interveio:

—Meus senhores, nada de banzés; aqui, todos somos pessoas de bem.

O fumo subia na atmosfera húmida e ficava no alto, rente às telhas, formando pequenas nuvens esbranquiçadas. Beberricava-se á doida. A dada altura o Flora pediu uma lasca de bacalhau para servir de puxavante. O Singlindim chegou-se logo. E pedinchão:

—Dá-me um naquinho.

A' medida que o vinho corria aumentava o alarido. Ninguém sabia ao certo o que dizia. Cambaleavam, encostavam-se uns aos outros—e de repente, sem motivo, como se fôsem comparsas de qualquer comédia passada num manicómio, deitavam todos a rir, as bocas muito abertas. Na valeta, aos roncões, um dêles vomitava.

—Que carraspana! Caspitê!

Mal se tendo nas pernas, o Raimundo andava numa grande ternura, de roda em roda, a distribuir abraços. Alguns achavam graça. Outros, porém, empurravam-no brutalmente:

—Vá curti-la p'rá cama, seu bêbado!

Mas êle via em todos a companheira e só respondia:

—Cala-te, Joaquina! Não digas asneiras, Joaquina! Dá-me um beijo, Joaquina!

Era duma família de êbrios. O avô, o Almeida velho, levava os dias, sentado num frade que existia frente da casa, a insultar a mulher. Ao lado nunca faltava uma caneca vidrada, enorme, repleta de vinho, que ia despejando entre obscenidades. O pai bebêra a legítima em água-ardente. Jámais provára gota de vinho. Mas água-ardente, quanta lhe dessem. Encontraram-no, certa manhã de inverno, coberto de neve, ao pé da fonte. E um tio—o João Almeida—findára numa aposta estúpida, no dia de Páscoa, na taberna do Relhas. Afirmára ser capaz de emborcar meio almude dum carrascão forte como pólvora. O Pestana—também já lá estava—teimava que não.

—Pois põe para ali dez milreiros contra vinte—dissêra o Almeida.

Morreu a contorcer-se com dôres, olhos emparvecidos a rolar nas órbitas fundas.

Fracó, passava sabia Deus como, dois copos maneirinhos punham Raimundo fora de seu juízo.

—Aquillo é sairro que trás lá dentro—diziam.

Chegaram até a alanzoar que a água simples o deixava de grão na asa.

A mulher, paciente e triste, vinha quási tôdas as noites buscá-lo. E, ora carregando com êle ás costas, ora arrastando-o pelo carreiro que leva à Comenda, para além do povo obra de quilómetros, pedia-lhe pelas almas que não fizesse barulho, que era uma vergonha.

(Continua na página treze)